

Submetido em: 21 fev. 2024

Aceito em: 05 set. 2025

Linguagem a partir do aquilombamento na constituição psíquica do negro: uma construção do Grupo de Estudos Nós Quilombo Virtual

Language through aquilombamento in the psychic constitution of black people: A construction of Nós Quilombo Virtual Study Group

Franciele Dias¹

Federal Center for Technological Education Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

Fábio Belo²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Ícaro Charles³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Ricardo Reis⁴

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Catarina Nogueira⁵

Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH)

RESUMO

Este artigo discute a linguagem enquanto um elemento mediador da estruturação da subjetividade e enquanto um dos instrumentos de dominação e inferiorização de pessoas negras. O psiquismo e o corpo do negro veem-se sobrepostos diante do poder que o racismo linguístico impõe. O negro, então, apreende a língua do branco, que deprecia a língua do negro, negando a si mesmo, impossibilitado da identificação com seus iguais, produzindo aprisionamento e limitação do psiquismo diante do discurso racista. Logo, pela experiência do encontro no grupo de estudos “Nós Quilombo Virtual”, propõe-se o aquilombamento como uma prática de luta contra o racismo linguístico diante do contexto sócio-histórico material.

Palavras-chave: linguagem. racismo linguístico. Identidade. aquilombamento.

¹ E-mail: psicologafrandias@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9290-1740>.

² E-mail: fabiobelo76@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5803-1745>.

³ E-mail: jess.silvacharles@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6047-6313>.

⁴ E-mail: rychardhill@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3414-5120>.

⁵ E-mail: catarinachavesnogueira. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6884-5567>.



Perspectiva filosófica v. 53 n. 1 (2026): Centenário Frantz Fanon.
Universidade Federal de Pernambuco. ISSN 0104-6454.
<https://doi.org/10.51359/2357-9986.2026.261695>

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Os direitos autorais da publicação pertencem às respectivas autoras e/ou autores, 2026.



ABSTRACT

This article discusses language as one of the element's that structures the subjectivity and as one of element's of domination and inferiorization of black people. The black person's psyche and body are overwhelmed by the power that linguistic racism imposes. The black person then learns the language of the white person, denying themselves, making it impossible to identify with their peers, producing imprisonment and limitation of the psyche in the face of racist discourse. Therefore, from the experience of the meetings in the "Nós Quilombo Virtual" study group, aquilombamento is proposed as a practice in the fight against racism given the material socio-historical context.

Keywords: language. linguistic racism. identity. aquilombamento.

INTRODUÇÃO

Ler Frantz Fanon é sempre estar na possibilidade de experienciar sua escrita de forma diferente. Diante desta leitura tão ampla e visionária que é *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), o grupo Nós Quilombo Virtual, que se presta ao serviço de um movimento contracolonial, praticando a leitura de autores negros que discutem a racialidade enquanto tópico essencial para a construção do conhecimento em psicanálise, percebe a importância da construção de Fanon, em que situa a fala como uma possibilidade de existência. Mas o que ocorre com as populações negras é diferente, restando o silenciamento a partir da troca da língua dos povos negros por outra linguagem colonizadora. Construir uma linguagem mais flexível à diversidade humana requer o encontro com o outro, e a identificação se faz um requisito essencial para o aquilombamento.

Frente à forma como os negros são vistos, falados e tratados numa sociedade estruturalmente racista (Almeida, 2018), e pensando junto com autores preocupados com essa temática, o presente estudo busca ampliar o debate sobre a posição da linguagem junto à constituição psíquica do sujeito negro, assinalando como o aquilombamento se faz necessário para desfazer o imperativo autodepreciador da sua construção subjetiva.

A questão geradora dessa discussão se baseia em como a linguagem possibilita o aquilombar frente ao racismo linguístico, por via de uma perspectiva reflexiva, crítica, histórica e psicossocial. Refletir sobre a temática se faz crucial, pois, do ponto de vista psicanalítico (Lacan, 1953-1954/2009), a linguagem é o que permite ao indivíduo ser um sujeito, o que reverbera também nas relações étnico-raciais negras, afinal a linguagem se faz no conjunto do social.

Uma linguagem racista pode situar o negro numa condição de inferioridade, fora da humanidade, limitando-o a tomar a linguagem do branco como sua para ter o mínimo de dignidade. Fanon (1952/2020) respalda a afirmativa de que, quando o negro é posto no social através do colonizador, sua constituição psíquica carregará o estigma da inferioridade, conflitando, assim, com as possibilidades de existência que englobem a valorização de sua negrura. Portanto, essas afirmações que anos de escravização e violências racistas aos negros revelam nos solicitam construir, em conjunto, uma nova linguagem que possibilite produzir novos discursos. O produto de um movimento de aquilombar-se, no sentido de organizar a forma de pensamento, visa problematizar a linguagem hegemônica embranquecida.

Os objetivos específicos da pesquisa buscam: analisar a posição da linguagem na constituição e construção do sujeito negro diante de uma linguagem branca; analisar as problemáticas que a linguagem branca pode produzir no sujeito negro, a partir da sua subjetividade e de suas relações étnico-raciais; e, por fim, sugerir a prática do aquilombamento como tecnologia de construção de novas linguagens. Nisso, cabe formular sobre as realidades em que o negro acaba sendo implicado através da linguagem, desde sua construção psíquica até a social, quais são os impasses que o negro vive no dia a dia e como a prática no conjunto possibilita novas perspectivas de vida.

Para isso, Isildinha Nogueira, Gabriel Nascimento, Grada Kilomba, entre outros autores, foram lidos e pesquisados, nomes que se preocupam com essa temática e questionam a norma branca padrão imposta. Também foram feitas pesquisas em sites de notícia do Brasil, como G1 e O Globo, para filtrar notícias recentes que envolvam sujeitos negros, a fim de observar a forma como o jornalismo tem transmitido informações, assim como refletir sobre as discussões

que envolvam negros e os racismos que esse grupo tem passado até os dias atuais, sejam pessoas “comuns”, sejam figuras públicas.

2. A FUNÇÃO DOMINADORA E ESTRUTURANTE DA LINGUAGEM

Desde que o mundo é mundo, a linguagem possibilita a troca entre indivíduo e coletivo, no qual o sujeito garante sua sobrevivência e forma de existir. Segundo Lacan (1966/1998), é o conceito que cria a coisa, o mundo das palavras cria o mundo das coisas, uma vez que a disposição das palavras em certo idioma faz emergir o valor dos objetos em determinado sistema cultural. Num giro construtivo contracolonial conceito e coisa caminham lado a lado, na medida que a realidade material histórica, social, simbólica, estrutural e linguística se presentifica para o indivíduo na construção da consciência de si e do mundo.

Dentro do pensamento de Lacan, os primeiros contornos sobre sua teoria da linguagem surgem em referência a Saussure (1857/1913), que define que a linguagem possui múltiplas formas. Já a língua parte da convenção social, sendo adquirida. A língua unifica a linguagem, fazendo de ambos a fala, em que qualifica o sujeito como parte do cultural. E nesse sentido, sabemos que “falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 1952/2020, p. 33). Por não ser algo simples a convivência humana, a humanidade, conforme Freud (1927/2014) sente o fardo dos sacrifícios que a civilização lhes demanda para ser possível conviver dentro de uma cultura. Ou seja, é preciso abdicar de certos prazeres para viver em comunidade, pois “o sujeito pode “ter” um tipo de prazer primordial ou a linguagem, mas não os dois” (Fink, 2018, p. 305).

Tendo em mente que “[...] a fala de um sujeito é necessariamente vascularizada pelas vozes da cultura [...]” (Longo, 2011, p. 9), a forma como a cultura é transmitida impactará na fala e na linguagem. Já a transmissão desta, se relaciona com a cultura e o indivíduo, como uma forma de disputa entre colonizador e colonizado. Apesar da diversidade linguística, existem hegemonias sobre os grupos minoritários dentro de uma sociedade, portanto, a linguagem pode ser entendida como dispositivo na disputa entre as classes sociais, que forma

espaços de privilégios, nas relações entre indivíduos da mesma sociedade criando e legitimando uma cultura branca e opressora. Sob essa ótica, Gabriel Nascimento (2019) elucida que dentro da cultura “[...] as línguas não são neutras e sempre são atravessadas por processos de poder, como os próprios sujeitos” (p. 20). Segundo Fanon (1952/2020), quando a criança nasce a língua já está dita e a partir dela é que o sujeito vai construir e vai se entender nessa linguagem, assim construindo a sua. Quando a criança negra é posta no social, onde a linguagem é branca, a sua construção e constituição pode sofrer influência do branco, conflitando com a possibilidade das tradições, línguas, dos povos negros em ressoar de forma efetiva na criança negra. Se apreende a linguagem do branco na sua construção social e no seu psiquismo, portanto, revelar o racismo que se embaralha nas políticas linguísticas é uma das maneiras de desbranquear uma linguística submetida a um branqueamento racista (Nascimento, 2019).

A apreensão dessa linguagem ao mesmo tempo em que permite à pessoa negra sentar à mesa com o branco (Fanon, 1952/2020), também a coloca em posição de negação com sua própria história social. Num Brasil colonializado, o que temos como expressões relacionadas aos negros é um conjunto de associações de palavras, gestos, símbolos que fornecem significantes depreciativos ao corpo negro. A linguagem marca que a cor preta está limitada a um conjunto de simbolismos não humanos, objetificados, o que, em termos de processos psíquicos, impedem desde cedo uma identificação com a negritude.

Em Fanon (1952/2020), essa dinâmica está exemplificada no caso das Antilhas onde a língua oficial é o francês e os líderes de turma vigiam os alunos pequenos para que não falem o crioulo, assim como é facilmente visto nas escolas e dentro das casas brasileiras, professores e familiares corrigem o português das crianças para o gramaticalmente aceito conforme as regras brasileiras. O antilhano aprende o francês para se aproximar do branco e isso dá suporte para a negociação com o sentimento de inferioridade que socialmente o diferencia de outros negros, seus conterrâneos que não sabem falar francês. No Brasil as crianças são educadas desde cedo a falarem o português “correto”, e excluir do seu léxico verbal expressões regionalistas ou gírias, com a justificativa de integração da língua portuguesa. Consequentemente, quem não cede à essa linguagem ou quem não tem

acesso a esse letramento gramatical dentro da norma, fica relegado à estigmatização. Assim sendo, a gramática que segue as normas é a estrada para alcançar o homem verdadeiro (Nascimento, 2019). Então, a função dominadora da linguagem atua de diversas maneiras e não somente de uma forma específica, havendo uma hierarquia opressiva e agressiva que define quem terá o direito de falar (Kilomba, 2019).

Pensando que a linguagem é um sistema em progresso, aberto, multiforme e heteróclita, pertencente ao domínio individualmente como também ao social (Longo, 2011) o que as pessoas farão da língua dirá muito sobre a forma como enxergam o mundo naquele momento, sendo possível transformar a forma de pensar e associar de quem fala e, se ao falar se entusiasma com o mundo branco, ou seja, o mundo verdadeiro, as pessoas tendem a universalizar seus pontos (Fanon, 1952/2020). Havendo uma sustentação entre a língua e a coletividade, pensando no negro, ele termina se encontrando sem cultura, civilização ou passado histórico (Fanon, 1952/2020), como é possível observar quanto às histórias dos povos colonizados que, com o tempo, deixam de serem contadas às gerações seguintes. Então, podemos pensar que a linguagem pode também aprisionar e limitar psiquicamente, assim como o racismo é discursivo e não biológico, pois funciona através do discurso (Kilomba, 2019).

Em *Memórias da Plantação*, Kilomba (2019) argumenta que o racismo é um instrumento traumatizante a psiquê do negro, uma vez que, apesar de perpetrado através da linguagem, ainda está excluído de um campo lógico de sentido. Quer dizer, o racismo não é apreendido, a princípio, porque a linguagem não é organizada de modo a atribuir-lhe seu sentido real – de violência racial –, ele é apenas transmitido socialmente como uma noção de não equivalência entre pessoas negras e pessoas brancas. Neste sentido, a dinâmica linguística transmite a imposição colonial de inferioridade, o que passa a constituir sua psique enquanto uma ferida narcísica. A linguagem, como ferramenta de transmissão discursiva, ao mesmo tempo que constitui o sujeito negro também impõe uma diferenciação subjetiva em relação às pessoas brancas, pois o signo da inferioridade fica imposto no social e passa a estruturar a sua realidade psíquica.

3. FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

A diversidade dos sujeitos implica uma multiplicidade de formas de existência, modos históricos de ser: formas de subjetividade. A subjetividade se produz na relação das forças que atravessam o sujeito no movimento com os modos de subjetivação: formas diferentes de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma (sujeito branco).

O sujeito negro é tido como fora da norma, excluído e retirado da possibilidade de vivenciar sua própria subjetividade como corpo que possui lugar no mundo. Como exemplo, Neuza Souza (1983) fala da estruturação mitológica do que significa ser negro como a organização que propõe expectativas e exigências a esse corpo, colocando desafios específicos às histórias individuais de sujeitos negros. O mito negro (Souza, 1983), como discurso, impõe a marca da diferença, impedindo que o sujeito negro se identifique, inclusive, com seus iguais.

Segundo Isildinha Nogueira (2021), a fantasia individual é marcada pela linguagem que constitui tal psique; esta traz consigo os emblemas da cultura, classe social e raça à qual o sujeito pertence. Assim, o mito negro, que escamoteia a realidade efetiva de uma história de opressão e perseguição, é o suporte simbólico que organiza as maneiras “fantasísticas” do sujeito pensar sobre si. Verdade é que, desde cedo, a pessoa negra tem uma autodesvalorização inculcada em seu universo psíquico, na medida em que “o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro” (Souza, 1983, p. 27). Isto representa uma mensagem ideológica que afirma uma “natureza negra” em detrimento de uma condição histórica, política e social (Souza, 1983).

A dinâmica de constituição da imagem de si parte do reconhecimento que os adultos têm das crianças e de si mesmos, uma vez que, antes de possuir uma imagem corporal, o bebê é determinado pelo discurso dos cuidadores sobre esse corpo. “A existência do sujeito só é passível de apreensão como uma entidade visual do outro, isto é, da posição do outro” (Nogueira, 2021, p. 113). Nesse sentido, quando a criança começa a compreender que tem um corpo, já existe certa organização simbólica que determina a apreensão desse corpo. Quer dizer, junto com a noção do que é um nariz, por exemplo, vêm ideias de beleza e adequação, estas que são organizadas pela percepção do próprio corpo no espelho

e através dos sentidos enquanto uma unidade totalizante. Os adultos também estão à mercê do discurso mitológico sobre o negro, possuindo em seu inconsciente desejos pela brancura organizados pelo seu Ideal de Eu branco. Assim se constitui certa transmissão geracional desse ideal, que impõe a negação de qualquer característica negra.

O adulto, a partir da linguagem, já tem internalizado as ideias do que deve ser um corpo dentro da norma e, desse modo, transmitem à criança, que, por sua vez, simboliza a integridade de seu corpo com base nessas normas transmitidas a princípio. Segundo Fanon (1952/2020), o negro possui dificuldade de elaborar seu corpo como aceito e bom, pois há um contexto histórico/material estruturado pela realidade na qual a linguagem transmite a representação do racismo que define o que ele é e pode ser. Traduzido no campo da inferioridade, resta ao negro branquear-se, elaborando seu esquema corporal numa “atividade puramente negacional” (Fanon, 1952/2020, p. 78), diante de uma construção social que agencia um “Ideal de Eu branco” (Souza, 1983) e que se vale da linguagem como uma das ferramentas de transmissão desse ideal, que o acompanhará durante a vida.

Segundo Isildinha Nogueira (2021), o Ideal de Eu do sujeito negro, frente a tais significados da linguagem branca, dissolve a originalidade da identidade do negro. Logo, sua constituição se fragiliza, restando o “fetiche da brancura”. As consequências dessa pressão são diversas, como observado por Fanon quando ele comunica ser necessário vigiar sua fala, pois será julgado com desprezo ao apontarem que ele não saberia falar francês, ou como o costume na França de usarem o termo “falar como um livro” ou, na Martinica, “falar como um branco”, em que o negro, sabendo do mito dos negros comerem os “RR’s”, entra em conflito sobre como irá pronunciar as palavras (Fanon, 1952/2020), levando em conta que ele conseguiria ser entendido, porém sentenciado à exclusão se não obedecer ao que o branco deseja como a forma correta de falar. Há, no Ideal de Eu, a intromissão do pensamento de que só um é bom: o branco. Em termos psíquicos, isso significa que o supereu do sujeito negro não consegue tolerar nem autorizar a aceitação da própria negrura e, em ataques, torna para si o auto-ódio.

O branco se torna proprietário do lugar de referência a partir do qual a pessoa negra vai se identificar (Souza, 1983). Como elemento, a linguagem carrega o branco como referência, no próprio imaginário sobre a colonização. Percebe-se a vergonha devido ao fracasso em executar o Ideal de Eu branco estabelecido, reflexo do ensinamento que é feito para que o negro se identifique com o branco (Kilomba, 2019), do mesmo modo como em Fanon (1952/2020), quando um martinicano descobre que guadalupenses se disfarçavam de martinicanos, e este diz: “eles são mais selvagens que nós” (p. 41). Há um conflito tanto com outros negros quanto com sua parte negra, assim como há uma batalha com a parte branca imposta. Outra prova pode ser vista na língua, que demonstra a negação emitida pelo sujeito que diz não ser negro, e sim moreno (Nascimento, 2019). Sua fala tentou o embranquecimento. A partir da transformação do sentido dos significantes, “é compreensível que a primeira reação do negro seja dizer não àqueles que o tentam definir” (Fanon, 1952/2020, p. 50), cabendo a ele esta missão. Fanon, Kilomba e Nascimento, em seus escritos, traduzem a dificuldade de uma linguagem racista e endurecida da brancura, trazendo ao sujeito negro a possibilidade de existir e alcançar sua autenticidade.

Diante de um imaginário histórico pós-colonial, Bento (2022) nos conta que às pessoas brancas é atribuído o lugar de heroísmo de quem trouxe a “civilização”, e aos negros foi associada a vergonha pelo passado enquanto escravizados. Grada Kilomba (2019) expõe que o negro é coagido a se relacionar com o Eu e a desempenhar o Eu que é descrito pelo colonizador, sendo assim, diminuindo e apagando as infinitas formas de existência, inclusive dificultando para que este possa se entender em sua singularidade. “Assim é que, para afirmar-se ou para negar-se, o negro toma o branco como marco referencial” (Souza, 1983, p. 27).

A subjetividade do negro se forma em um contexto estruturado em favor da brancura, em que se rejeita os traços, a língua, a cultura, a religião, dentre outros pontos essenciais para afirmar esse corpo negro como corpo que importa e pertence. A negação de si contribui também na construção da subjetividade do negro. Neste sentido, quando um branco é questionado sobre suas palavras limitarem e resumirem um negro, aquele se mostra emburrado, zangado, insultado e chora, demonstrando certa regressão e intensa defesa para não se responsabilizar

pela situação (Kilomba, 2019), o que sugere tamanha importância em estudar e elaborar sobre as relações étnico-raciais influenciando nas construções subjetivas diversas.

4. EFEITOS DA LINGUAGEM BRANCA NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NEGRAS

Numa sociedade estruturalmente racista, a pele branca é o referencial de norma e generalidade. E, tal qual a pele negra se faz um signo de inferioridade (Nogueira, 2021), a pele branca condensa simbolicamente a ideia de humanidade/civilidade. É pela via dessa dialética que se constrói a branquitude: ideologia historicamente construída, associada a características fenotípicas tipicamente encontradas entre europeus brancos e que, no exercício social, se configura em uma identidade racial de poder (Schucman, 2020). Tal qual a criação do mito negro, a branquitude também é forjada a partir de um discurso: na música, na televisão, nos livros escolares etc.

Não é necessário voltar à colonização para encontrar a linguagem do colonizador: “feia, cabelo feio e urubu”, conforme divulgado no portal de notícias G1 (Serra, 2023), essas foram as palavras ouvidas por uma criança negra na escola depois de ter sido agredida fisicamente por seus colegas. Sobre a questão da vivência em um mundo regido pela branquitude, Kilomba (2019) fala de racismo cotidiano e de como a pessoa negra é uma tela de projeção do que socialmente é tabu, de modo que o corpo negro se faz depósito de medos e fantasias. Dessa forma, esse corpo está sempre no trânsito entre o desejável e o abominável.

É notável o processo de negação do branco, afirmando algo sobre o outro que se recusa a admitir que haja em si também, ação bem característica dos mecanismos de defesa do Eu (Kilomba, 2019). “Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos” (Bento, 2022, p. 14); porém, o que é divulgado na mídia aponta para o problema ser “o negro” e o que quer que ele faça, não fazendo sensacionalismo quando brancos infringem a lei, como se somente pessoas negras fossem desonestas ou ladras, por exemplo.

No dia 05 de janeiro de 2023, o portal de notícias *O Globo* expôs em detalhes uma situação ocorrida com o famoso rapper Orochi (Flávio César Castro) que, após um vídeo em sua conta de o Instagram ter sido postado exibindo dois homens

segurando armas, recebeu um mandado judicial de busca e apreensão para o endereço onde ele estava de férias. Ao chegarem ao local, não encontraram o rapper e foram até o barco onde ele estava. Os dois policiais militares que faziam a segurança de sua joia, avaliada em quinhentos mil reais, foram autuados e precisaram pagar cinco mil reais de fiança para responderem em liberdade pelo “crime”. Orochi se pronunciou em seguida, explicando o ocorrido, e acrescentou tanto sobre a legalidade das armas quanto sobre sempre ver pessoas postando fotos com armas, colecionadores, políticos, contudo a casa deles não ser invadida, não entrarem em viaturas ou passarem por todo esse processo violento ao qual eles foram expostos.

A partir dos diferentes programas em horário de alta visualização em rede nacional, a imagem que é passada do negro torna-se específica e intencional para a mensagem racista que desejam divulgar, causando ameaça e medo na população, sentimentos que estão no âmago do preconceito, frente à representação que é feita do sujeito negro e, conseqüentemente, à forma como as pessoas vão reagir a ele (Bento, 2022). E, enquanto muito se fala dos sujeitos de pele retinta, “o silêncio sobre a herança escravocrata concreta ou simbólica” (Bento, 2022, p. 22) dos brancos prossegue, sendo a linguagem, em seu poder de comunicar, usada de forma estratégica.

Falar é ter e exercer poder e, como a língua tem dimensão política de conservar relações de poder e violência, as palavras ditas definem a localização de uma identidade, que poderá ou não espelhar a condição humana (Kilomba, 2019). Como não houve assimilação cultural, ou seja, o negro absorveu a cultura branca e o branco não fez o movimento recíproco (Munanga, 2020), agrega muito ter contato com mais negros e suas respectivas histórias, sejam elas antigas ou atuais. Será através da linguagem que essas trocas vão ocorrer. É importante salientar que o confronto às línguas dos povos originários indígenas e negros foi uma ação inicial do mito da brasilidade linguística, acarretando epistemicídio e linguicídio (Nascimento, 2019).

No decorrer dos séculos, o signo “negro” foi se construindo como um conceito novo, elaborado pela branquitude, e não um conceito natural (Nascimento, 2019). Os brancos, então, se sentiram confortáveis a falar e se

posicionar como bem entenderem sobre os negros; enquanto isso, o sujeito que sofre algum tipo de racismo fantasia sobre ter inventado uma ótima resposta para dar ao racista em um outro momento, forma encontrada para acalmar o medo de um novo ataque do sadismo branco (Kilomba, 2019). Ao mesmo tempo em que é comum um negro ser observado ou questionado em qualquer ambiente, sendo esta uma forma de controle que incorpora o poder, isso não ocorre com brancos. Os brancos tratam os negros como objetos, para serem consumidos ou destruídos (Winderson III, 2021).

Moldada socialmente, a linguagem é utilizada para marcar as hierarquias impostas por processos históricos de luta e disputas de poder. Em sociedades como a nossa, algumas marcas de diferença, como raça, gênero e classe (Brah, 2006), se interseccionam com a língua, de modo a produzir e fortalecer essas hierarquias sociais (Pinto, 2015). Além disso, tais marcas de diferença são constantemente construídas e reforçadas com a língua, pois parte da manutenção dessas relações de diferença fica a cargo da linguagem.

No Brasil, podemos observar como as hierarquias raciais e sociais, em muitos casos, se sobrepõem às outras, pois se trata de uma sociedade altamente racializada e racista, um resquício de seu passado colonial. Dessa forma, as hierarquias raciais são um ponto fundamental para pensar a colonialidade, que subalterniza e exerce controle sobre corpos e línguas, e tais hierarquias podem ser analisadas ao observar interseccionalidades entre categorias de diferença, sendo a língua(gem) um desses fatores que hierarquizam socialmente uma sociedade racista. Como aponta Nascimento (2019), “[...] o sistema perverso de colonialidade, que produziu no Ocidente séculos de escravidão negreira e dizimação dos povos originários de cada lugar onde se colonizava, não se deu fora, mas dentro dos sistemas linguísticos” (p. 40). Logo, uma linguagem racista problematiza a construção de uma relação étnico-racial negra com propriedade sobre a própria identidade.

Os efeitos de uma linguagem branca, perpassando pelo racismo da linguística, impossibilitam o negro de se inscrever no real como pertencente do esquema corporal social, existindo sob as bordas da linguagem que o exclui para uma linguagem de inferiorizado. Fanon (1952/2020) pontua que o corpo negro se

torna um objeto para o outro em busca de aceitação; nisso, desloca-se de si e despertence. Descartável, torna-se aquilo que não é.

Alienado pela palavra “negro”, o negro se torna prisioneiro do ciclo vicioso de ser negro, sem identidade própria. Segundo Munanga (2020), a população negra brasileira tem inúmeros problemas em relação à sua identidade: “entre seus problemas específicos estão, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e, conseqüentemente, sua ‘inferiorização’ e baixa autoestima; a falta de conscientização histórica e política etc.” (Munanga, 2020, p. 19). Para ele, a busca da identidade funciona como uma terapia em que o negro poderá trabalhar a sua enfermidade e se colocar de pé de igualdade frente aos oprimidos, o que é importante para a luta coletiva.

Partindo do raciocínio de Munanga (2020), há dois campos antagonistas e distintos, a sociedade colonizada e a sociedade colonial, que se envolvem em uma relação de forças entre os diversos atores sociais. Frente a isso, uma das questões que a negritude convoca é a originalidade da disposição sociocultural dos negros que buscam exercer uma política de contra-aculturação (Munanga, 2020), ou seja, é importante olhar não apenas para cada sujeito individualmente, como também é de suma relevância perceber a forma social e entender as pressões ali existentes, tanto de forma material quanto simbólica.

Os sujeitos vivem em uma sociedade, dentro de uma cultura que facilita ou dificulta seu acesso a determinados espaços; então, o aquilombar encontra desafios diante do preconceito cotidiano vivido em determinados meios sociais. A repressão policial, as baixas condições econômicas, trabalhistas, relacionais e outras são exemplos de pressões existentes no cotidiano do negro. Portanto, para um negro ser ouvido, não basta apenas que ele fale, pois a sociedade foi treinada para não lhes dar credibilidade que o pertencimento possibilitaria.

A recuperação da identidade negra vai perpassar pela aceitação dos atributos físicos da sua negritude, o que se agregará aos atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos. Como a linguagem do outro contorna o sujeito negro e, como diria Fanon (1952/2020), o negro possui uma “atitude rítmica com o mundo”, coexistindo com o seu arredor, é na linguagem construída no conjunto que o negro pode se fazer pertencer, com uma identidade que importa e

se faz poesia no existir; por isso, o aquilombar se faz necessário para o negro enquanto sujeito.

5. A PRÁTICA DO AQUILOMBAMENTO NA CRIAÇÃO DE NOVOS DISCURSOS

A recuperação da identidade negra vai perpassar pela aceitação dos atributos físicos da sua negritude, o que se agregará aos atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos. Como a linguagem do outro contorna o sujeito negro e, como diria Fanon (1952/2020), o negro possui uma “atitude rítmica com o mundo”, coexistindo com o seu arredor, é na linguagem construída no conjunto que o negro pode se fazer pertencer, com uma identidade que importa e se faz poesia no existir; por isso, o aquilombar se faz necessário para o negro enquanto sujeito.

Nesse contexto de quilombamento, a linguagem pode ser utilizada como tecnologia de cura, uma vez que a pessoa negra passa a pensar a história do seu corpo a partir dos desdobramentos da linguagem colonial, refletindo, assim, sobre o seu próprio lugar na dinâmica de assujeitamento, no sentido de libertar o homem da escravização psíquica pelo colonizador internalizado. Segundo Abdias Nascimento (1980), havia resistências africanas diante da realidade escravista no Brasil que buscavam fugir das senzalas e construir um lugar seguro para viver, nascendo, assim, os quilombos. A partir dos quilombos, as pessoas negras reivindicavam sua libertação, diante da necessidade de defender sua existência e sobrevivência. Em outras palavras, o quilombo foi:

[...] um autêntico movimento amplo e permanente [...] que se recusavam à submissão, à exploração e a violência escravista. [...] Porém tanto os permitidos quanto os <ilegais> foram uma unidade, uma única a afirmação humana, étnica e cultural a um tempo, integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de quilombismo. (Nascimento, 1980, p.255)

Pessoas negras nos quilombos e nas significações do quilombismo podem vivenciar sua identidade e protagonizar sua existência para além da linguagem imposta pelo colonizador. Ainda que estejam imersos nessa linguagem, elas ainda são capazes de produzir cultura através dela. Afinal, apesar de o pensamento

colonial ser hegemônico pela via da linguagem, o quilombamento serve de estratégia contracolonial (Souto, 2021) de modo a subverter a linguagem enquanto instrumento de colonização. Alex Ratts (2006), apoiado no pensamento de Beatriz Nascimento⁶, formula que para a autora “o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica” (p.124). Parte da violência racista é o agrupamento de pessoas negras dentro de uma determinada massa indistinta, quer dizer, a criação da ideia de que existe “O negro” como uma identidade essencializada (Fanon, 1952/2020). Nesse sentido, o quilombamento se faz uma estratégia de resgate da singularidade visando a conjunção de imaginários para refletir o presente resgatando o passado e, assim, pensar um futuro em que o bem-estar dos humanos será o centro da organização social.

Segundo Souto (2021), é à intelectualidade negra que devemos a expansão do sentido da ideia de quilombo enquanto instrumento de resistência à colonialidade, principalmente nas figuras de Clóvis Moura, Beatriz Nascimento e Abdias Nascimento. Nessas figuras, nos diz Souto, é que está desenvolvida a ideia de quilombo como lugar de resistência, criação e amor. Hoje, para pessoas negras conscientes da questão racial, o quilombo se faz um lugar de fortalecimento de sua própria identidade e de comunhão com outras singularidades negras. Esse agrupamento caminha em conformidade com o pensamento de Abdias Nascimento (1980) sobre a produção de cultura, pois, para o autor, esta se faz uma unidade criativa de forças, que, dispersas, poderiam estar enfraquecidas na sua própria singularidade. A cultura é um território a ser disputado, e o quilombismo se faz a partir de uma estratégia de conjugação de discursos em prol da fabricação de um futuro em que a violência racial não esteja presente (Nascimento, 1980).

Anteriormente, sob essa mesma ótica, Beatriz Nascimento formulou a ideia de quilombos urbanos, pensando o quilombo não só como instituição, mas como campo ideológico que se realiza simbolicamente e que, dentro da continuidade

⁶ O professor Alex Ratts (2006) faz o resgate do pensamento de Beatriz Nascimento, descrita nas palavras dele como “mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora” (p.12). Segundo Hubert Alquéres, na apresentação dessa obra, “O livro reata um diálogo solidário e comovido com Beatriz Nascimento, procurando recolocar sua voz nos circuitos acadêmicos e militantes” (Ratts, 2006, p.8).

histórica, se faz um território de luta e resistência contra a segregação racial e em prol da agregação e fortalecimento da colaboração entre pessoas negras (Ratts, 2006). Pois, para ela, cada corpo carrega a característica de ser um território de expressão e memória e, desse modo, pode-se dizer que “cada cabeça é um quilombo” (Souto, 2021, p. 92).

Nos quilombos e nas significações do quilombismo, pessoas negras podem vivenciar sua identidade e protagonizar sua existência para além da linguagem imposta pelo colonizador. Ao conseguir identificar-se cada vez menos com as referências de brancura e do corpo branco, abre-se a possibilidade de uma identificação positiva com a negritude acontecer, trazendo mais segurança interna e mais reconhecimento de si (Kilomba, 2019). Esse movimento inverte a situação normalizada em que a história negra fica marginalizada e o sujeito negro em posição de objeto, perdendo sua atuação ativa, até mesmo, de reclamar (Munanga, 2020).

Afinal de contas, quando reclama com brancos presentes, pode ser visto como raivoso ou “barraqueiro”, chance essa aumentada se for uma mulher negra reclamando por respeito e direito. Além do mais, a crença de pessoas negras se vitimizarem ao falarem de seus sofrimentos provocados pelo racismo é mais uma estratégia para silenciar as pessoas que estão dispostas a falar (Kilomba, 2019), sendo necessário encaixar as ideias que serão ditas em uma linguagem específica para que fique confortável para o grupo dominador ouvir (Collins, 2000). Ou seja, dessa forma há, novamente, uma forma de opressão, já que elas não agem sozinhas, mas se entrecruzam (Kilomba, 2019).

A importância de retomar os quilombos como instituições de resistência que contribuíram para forçar o fim da escravidão (Bento, 2022) está na consideração de como a violência do apagamento dos movimentos negros dentro da história contribui para a permanência de uma escravidão simbólica, subjetiva e material. O quilombo, como instituição histórica, serve de modelo para a atitude de aquilombar-se. E, dessa forma, retomar a memória histórica não apenas no sentido de reinterpretá-la, mas de exaltar o valor dos movimentos negros dentro da história e localizar a participação fundamental desses dentro da construção da humanidade. Trata-se de rememorar para atribuir a relevância devida aos agentes

da construção do mundo em que vivemos. Isso provoca, para as pessoas negras, a possibilidade de encontrar o sentimento de comunidade e de resistir, assim, à violência linguística, num espaço onde é possível rememorar, denunciar e criar novos discursos.

Logo, em contrapartida à linguagem da branquitude, que aprisiona o negro como signo de inferioridade, sem meios para ressoar sua negritude em seus saberes tradicionais, religiosos, científicos e outros, nasce o desejo de viabilizar uma linguagem outra, vinculada à racialidade negra e à clínica psicanalítica, no sentido de caminhar, como em Abdias Nascimento (1980), para a criação de uma cultura que vise construir uma nova história para populações racializadas. Nessa perspectiva, nasce o Nós Quilombo Virtual, como um meio de encontro de psicólogos e psicanalistas negros e brancos que retomam os estudos em psicanálise através de escritores, psicanalistas negros e outros, a fim de resistir à dominação da branquitude na construção do saber sobre o sujeito negro. Para nós, o encontro significa criar espaços onde pessoas negras possam discutir o passado a partir de seus lugares, exaltando, ao mesmo tempo, a individualidade da experiência racial e o senso de comunidade. Aqui, o ato de “aquilombar-se” se dá como parte da experiência negra de criar um imaginário que vise à libertação do aprisionamento linguístico, que está implicado no psiquismo e nas relações étnico-raciais. Assim, recontando a história do negro e da psicanálise a partir de uma perspectiva negra, entendendo o próprio lugar na luta e na questão racial para, então, imaginar um futuro e caminhar em direção a ele. Essa seria uma atitude, para nós, em conformidade com o pensamento de Abdias Nascimento (1980), na medida em que coloca a disputa cultural e intelectual em evidência pela via da criação de um campo onde o sujeito negro pode autorizar-se a pensar sobre si e sobre a sua própria negritude.

O aquilombamento via o Nós Quilombo Virtual se faz uma metodologia de organização social, num movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo e tornar-se o quilombo, no sentido de ampliar as possibilidades de existir, viver, amar, criar e educar, considerando que o corpo negro é um corpo que inventa sua posição no mundo (Souto, 2021). Na experiência de aquilombar-se, o grupo a compreende como uma possibilidade de criação de novos discursos, na medida em

que privilegia a leitura de autores que estão preocupados com o movimento de descolonização da linguagem, ao mesmo tempo em que incentiva a apropriação de discursos que possam dar voz à sua singularidade, para que, dessa forma, sejam capazes de romper com a função dominadora da linguagem, reinventando-a a favor da libertação material e psíquica do negro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de trilhar possíveis considerações finais, retomar a questão norteadora desta pesquisa se faz necessário delimitar, e não esgotar, a temática. Por isso, vamos a ela: como a linguagem possibilita o aquilombar frente ao racismo linguístico? Diante do exposto, o discurso da negritude com a negritude viabiliza o aquilombamento, no qual novos discursos podem ser inscritos para além de uma linguística racista que apaga qualquer forma de existência do negro neste mundo material. A discussão que o trabalho coloca faz perceber como a linguagem da branquitude permeia a construção da identidade negra, pautada no desfacelamento do negro através da língua e de seus enredos, a ponto de inviabilizar a possibilidade da reconstrução de uma linguagem negra.

A linguagem, como uma potência construtiva do sujeito, revela como o negro é colocado numa posição fora do discurso da aceitabilidade social, traduzindo-o como objeto. Mediante o que os autores citados trouxeram, é possível perceber como o psiquismo e o corpo do negro se veem sobrepostos diante do poder que o racismo linguístico impõe. O negro, então, apreende a língua do branco, que deprecia a língua do negro, negando a si, impossibilitado da identificação com seus iguais, produzindo aprisionamento e limitação do psiquismo diante do discurso racista.

Aprisionado e limitado, o negro se situa numa dificuldade de elaborar a própria subjetividade, pois, fora da norma, no mito negro, o negro não ocupa um lugar no mundo. O reconhecimento, como ponto central na construção corporal do sujeito, ao negro é negado, pois já existe um ideal de corpo aceito, que é branco. O branco se torna a referência do bom e do belo, a qual o negro busca alcançar, ficando dividido entre o que é e o que deseja ser. Rejeitado pelos traços, pela cultura, pela língua e pela religião, resta ao negro construir uma subjetividade

diante da negação de si em prol de uma linguagem outra, o que afeta diretamente suas relações étnico-raciais negras.

A branquitude, como discurso, marca o referencial de humanidade e civilidade, opondo-se àquilo que é negro. Essa linguagem colonizadora forja o negro como abominável, violento e desprezível como ideal de ser. O negro se torna objeto para consumo e destruição, enquanto o branco se apresenta como desejável, numa discrepante relação de diferença. Uma linguagem racista inibe a possibilidade de construir uma relação étnico-racial negra situada na própria identidade, cabendo, na identificação com a negritude, a construção da própria negritude. Por isso, aquilombar-se representa uma atitude em função da construção de uma linguagem própria neste contexto sócio-histórico/material racista.

A linguagem faz o sujeito pertencer, e é no conjunto que o sujeito constrói sua identidade. No contexto do social mitificado pelo negro como inferior, o negro está sujeito às amarras de uma linguagem racista; porém, na identificação com seus iguais, o negro pertence e se faz sujeito bem-vindo. O quilombismo, como vislumbre de encontro, transformação e luta antirracista da/para a população negra, produz o aquilombamento como uma outra linguagem que não a linguagem colonizadora. Linguagem que, a partir do encontro, perpassa a história e a potência do corpo negro, resgatando sua singularidade e capacidade de criação através de uma unidade criativa, opondo-se ao racismo linguístico, com o negro como protagonista, posição que lhe foi negada por muito tempo.

O Nós Quilombo Virtual, apoiado pelo ideal de resistir à dominação da branquitude como tradutora do negro, visa construir uma nova história juntamente com pensadores e estudiosos em psicanálise e racialidade. História essa que reconta os passos e caminha para o futuro, fora do aprisionamento linguístico do negro, através do senso de comunidade e de trocas de experiências junto a sujeitos de quaisquer partes do Brasil. Assim, diante de uma linguagem criada no aquilombamento, novos discursos e reinvenções se tornam vias para o existir, viver, amar, sentir, criar, sonhar e educar. Aquilombar também é resistir e existir para além das possibilidades existentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.

COLLINS, Patricia Hills. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

FANON, Fanon. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Trabalho original publicado em 1952.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: **Obras Completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol.17, p. 231-301. Trabalho original publicado em 1927.

JUSTINO, G.; SILVA, H. 'Escravo', 'urubu': crianças são vítimas de racismo; denúncias passam de 3 mil em escolas estaduais em SP em 2023. **G1 São Paulo**, 10 Out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/10/mais-de-3-mil-b-oletins-de-ocorrencia-de-casos-de-racismo-em-escolas-estaduais-de-sp-foram-registrados-em-2023.ghtml>. Acesso em: 23 Jan. 2024.

SERRA, Paolla. Seguranças do rapper Orochi presos por porte ilegal de arma são alvo de investigação da PM. **O Globo**, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/01/segurancas-de-rapper-orochi-presos-por-porte-ilegal-de-arma-sao-alvos-de-investigacao-da-pm.ghtml>. Acesso em: 02 fev. 2024

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Trabalho original publicado em 1975.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Trabalho original publicado em 1966.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africana**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: Os Subterrâneos da Linguagem e do Racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. **A Cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PINTO, Joana Plaza. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 3, n. 4, p. 199-221, 2015.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de,. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Trabalho original publicado em 1916.

SHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. **Aquilombamento**: um referencial negro para um questão cultural insurgente. 2021. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

WILDERSON III, Frank B. **Afropessimismo**. São Paulo: Todavia, 2021.